



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

FELIPE CAVALCANTE DA SILVA

**A CONTRIBUIÇÃO DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO MATERIAL DA CIDADE
DE AREIA NA PARAÍBA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA**

**GUARABIRA-PB
JULHO/2022**

FELIPE CAVALCANTE DA SILVA

**A CONTRIBUIÇÃO DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO MATERIAL DA CIDADE
DE AREIA NA PARAÍBA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de História, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus Guarabira como requisito parcial à obtenção do Título de Licenciado em História, sob a orientação do Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas.

Área de concentração: História Cultural e Cidade.

**GUARABIRA-PB
JULHO/2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, Felipe Cavalcante da.
A contribuição do patrimônio histórico material da cidade de Areia na Paraíba para o ensino de história [manuscrito] / Felipe Cavalcante da Silva. - 2022.
23 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.
"Orientação : Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas ,
Coordenação do Curso de História - CH."

1. Patrimônio material. 2. Ensino de História. 3. Cidade de Areia. I. Título

21. ed. CDD 363.69

FELIPE CAVALCANTE DA SILVA

A CONTRIBUIÇÃO DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO MATERIAL DA CIDADE
DE AREIA NA PARAÍBA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a Coordenação do Curso de
História, da Universidade Estadual da
Paraíba, Campus Guarabira como requisito
parcial à obtenção do Título de Licenciado
em História, sob a orientação do Prof. Dr.
Waldeci Ferreira Chagas.

Aprovado em: 22/07/22.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DH)



Prof.ª Dr.ª Rita de Cássia da Rocha Cavalcante (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DE)



Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DH)

GUARABIRA-PB
JULHO/2022

Dedicatória

Primeiramente aos meus avós, Manoel Felipe e Josefa Felipe pelo incentivo e motivação que me repassaram em momentos difíceis.

Também gostaria de agradecer a minha amiga Maria Emília, que sempre compartilhou dicas sobre a estrutura do trabalho e sempre esteve do meu lado.

Enfim, gostaria de agradecer ao orientador Professor Waldeci Ferreira Chagas pela paciência e pela orientação, sempre solícito e disposto a ajudar.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	06
2	A CIDADE DE AREIA.....	10
3	O SOLAR JOSÉ RUFINO.....	12
4	A CASA DE PEDRO AMÉRICO.....	17
5	CONCLUSÃO.....	21
6	REFERÊNCIAS.....	22
7	AGRADECIMENTOS.....	23

A CONTRIBUIÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO MATERIAL DA CIDADE DE AREIA NA PARAÍBA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

SILVA, Felipe Cavalcante da.

RESUMO

Este artigo faz uma reflexão a respeito da importância que o patrimônio material da cidade de Areia possui no que se refere ao ensino de história. Elegeram-se como focos principais da pesquisa, o conhecido Solar José Rufino e a casa do Pintor Pedro Américo. No transcorrer do trabalho analisam-se como tais patrimônios podem ser trabalhados em sala de aula de História, sobretudo, no contraste entre patrimônios “visíveis” e patrimônios que foram omitidos no decorrer do tempo. Nossa pesquisa se baseia em fotografias e referências bibliográficas que estão presentes no decorrer do trabalho.

Palavras-chave: Patrimônio material, Ensino de História, Cidade de Areia.

ABSTRACT

This article seeks to reflect on the importance that the material heritage of the city of Areia has in terms of teaching history. We chose as the main focuses of our research, the well-known Solar José Rufino and the house of the painter Pedro Américo. Another focus of our research lies in the brief analysis of how such patrimonies can be worked on in the field or in the classroom and, above all, in the analysis of the contrast between 'visible' patrimonies and patrimonies that have been omitted over time. Our research is based on photographs and bibliographic references that will be present throughout the work.

Keywords: Material heritage, Teaching, Areia

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo geral, trazer discussões acerca da função do patrimônio histórico material da cidade de Areia no estado da Paraíba e sua contribuição para o ensino de História na escola da educação básica, especificamente o casarão José Rufino e a casa de Pedro Américo, principalmente no que diz respeito à preservação da memória. Que memória esses bens patrimoniais guardam, e porque são preservadas?

Discutimos a preservação da memória local através de seus usos no ensino de história. Também discutimos como esses patrimônios estão incorporados à cidade, uma vez que ganharam diversos usos, visto que artistas regionais utilizam tais espaços para exporem suas produções, a exemplo do artesanato e obras que remontam aspectos da regionalidade nordestina.

Neste sentido, é de suma importância compreender que um patrimônio histórico não se limita apenas a um inventário mórbido e estático do passado, Através da preservação dos objetos que possuem relação dos indivíduos que viveram em vários contextos no decorrer do tempo com a contemporaneidade.

O patrimônio está intimamente interligado e também se constitui de características culturais de uma determinada região e não se resume ao que é relevante em aspectos tradicionais e referentes aos possuidores de status político e social. Tais materiais a exemplo de casarões, escrituras, mobiliário e utensílios em geral, não representam por si só um testemunho inexpugnável do passado e um responsável por fazer emergir um tipo pré-determinado de memória coletiva. Neste sentido, Jacques Le Goff nos diz que:

O que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores (LE GOFF, 2012, p. 509).

Neste sentido e tendo em mente que objetos que atravessam décadas e séculos nos evidenciam muito além do que está explícito e que tais objetos não raras vezes possuem aplicações no campo educacional e

social, escolhemos o tema do presente trabalho por consideramos a cidade de Areia, um exemplo importante de preservação histórica que contribui para a formação de uma ponte entre o passado e o presente. Ponte esta que, erigida sobre os pilares do trabalho árduo e dedicado de pesquisadores e educadores, contribui para a manutenção da identidade de um povo.

Para além da relevância da cidade de Areia no que tange a preservação de seu patrimônio, podemos citar ainda que a inspiração individual para a escolha desta pesquisa foi fomentada em grande medida pelo fascínio que os ecos do passado representados por patrimônios históricos de forma geral, principalmente os materiais, exercem sobre nós desde a mais tenra idade.

Para a construção deste trabalho, se tornou essencial dialogar com autores cujo trabalho é de vital importância para a compreensão de aspectos específicos da cidade de Areia e que contribuíram para contextualizar nossa pesquisa que utilizou entre outras fontes, fotografias e diálogos com artigos a respeito do tema.

Tendo em vista que o cerne de nosso trabalho consiste em propor uma alternativa para a utilização do patrimônio material da cidade de Areia, em ambiente escolar, se tornou ainda de suma importância a utilização de autores que dialogam com o uso do patrimônio histórico no meio escolar.

No que se refere ao patrimônio histórico material, é inevitável deixar de vir à tona, um questionamento importante; o que e quem define um patrimônio histórico como relevante? Analisar esta problemática se torna complexo quando percebemos as várias influências que contribuem para a visibilidade de um imóvel tombado, por exemplo, entre as mais proeminentes, a influência política local.

Não raro, governos locais promovem a divulgação do patrimônio histórico de suas cidades a fim de fomentar o turismo, a visitação e promover a sua gestão. Não raro também são às vezes em que, em busca do apoio do eleitorado, o governante negligencia o patrimônio histórico local, como nos mostra Fonseca (2008), a respeito do trabalho do antigo SPHAN, atualmente denominado IPHAN:

A hercúlea tarefa a que se propunha o pequeno grupo reunido em torno de Rodrigo Melo Franco de Andrade no SPHAN não tinha como desafio apenas enfrentar a forte resistência dos proprietários de imóveis antigos e também os interesses dos prefeitos, que viam a modernização das "cidades mortas" uma forma de atender aos anseios de seus eleitores". (FONSECA, 2008, p. 115)

Neste aspecto, nos parece evidente uma dualidade de interesses no que corresponde aos anseios em preservar e dar visibilidade ou não, a determinado patrimônio histórico material, sendo tais interesses claramente orientados pelo contexto político local.

Não obstante, um outro fator nos parece evidente quando falamos de patrimônios tombados e sua visibilidade; a influência de uma cultura posta de cima para baixo em detrimento à cultura dos frequentemente excluídos da história.

Sabemos que por séculos, o modelo vigente no Brasil, seja no campo da arquitetura, política e modos de vida social, sempre se baseou no padrão europeu, com fortes influências portuguesas, francesas e inglesas. Tais influências conduzem, ainda hoje, quase que de forma inconsciente, o apetite do público que desperta para uma contemplação dos patrimônios históricos existentes em sua localidade. Ou seja, um casarão com mobiliário de época, cheio de ornamentos e gravuras entalhadas à moda das tendências artísticas europeias, arregalam bem mais os olhos de um turista ou eventual visitante, do que objetos com características artísticas africanas ou indígenas, por exemplo.

Este é um problema que o trabalho incansável de muitos/as historiadores/as e pesquisadores/as buscam atenuar, sempre trazendo à tona a importância em dar visibilidade ao passado dos que sempre ficaram nos bastidores da história. Neste aspecto, a cidade de Areia padece de uma valorização dos escravizados, no que tange aos seus espaços de convivência, objetos que exprimem sua cultura e habitações que possam se tornar visíveis como patrimônio histórico.

De fato, isto se torna uma grande barreira quando nos deparamos com a dificuldade em encontrar preservados, materiais que remetem ao cotidiano das pessoas negras que sempre estiveram evidentes apenas nos

inventários *post morte* de escravistas, nas cartas de alforria e nos anúncios de jornais. Objetos de uso pessoal dos escravizados na cidade de Areia foram conseqüentemente negligenciados, restando apenas ferramentas e utensílios domésticos que apesar de serem utilizados pelos escravizados, eram de posse dos seus senhores.

A falta de um espaço de convivência dos escravizados nos parece ser uma das causas para a inexistência de objetos das pessoas negras preservados. Sobre tal inexistência de espaços como senzalas e casas de escravizados em área urbana, Silva (2010) nos mostra que:

Não há indicações acerca da divisão dos cômodos das casas e suas funções. Assim, não ficou evidente se os cativos desses senhores moravam com eles ou em casas separadas. Senzalas para escravos não são apresentadas entre os espólios dos inventários, sugerindo que muitos escravos viviam mal acomodados pelos cômodos das casas dos senhores (FÉLIX DA SILVA, 2010, p.65).

De fato, ao nos deparamos com a evidente falta de possíveis espaços de convivência constituídos por senzalas, para além dos espaços naturais de trabalho, nos deparamos ainda com uma exceção que foge à regra; o conhecido Solar José Rufino, que é frequentemente apontado por vários pesquisadores como a única construção da cidade de Areia cujo interior possui senzala urbana e sobre o qual discutiremos mais adiante. Esta ausência ou a parca presença de espaços de convivência de escravizados e a crônica falta de objetos particulares de pessoas escravizadas preservadas podem ser explicados ainda pela fragilidade das construções características dos cativos, que sucumbiam ao passar dos anos diante do desgaste implacável do tempo e do clima, contrastando com os casarões de paredes sólidas e largas das pessoas mais abastadas e senhores de escravos, que apesar de também sofrerem com a degradação do tempo, continuaram de pé.

Neste sentido, tendo havido a possibilidade de existirem habitações de escravizados na zona urbana de Areia que remontam ao século XIX, tais habitações estariam naturalmente próximas aos sobrados ou no entorno da cidade, tendo em vista que as cidades do início do século XIX geralmente seguiam a tendência de terem nos domínios do senhor de escravizado

urbano, senzalas parecidas com quartos e alojamentos menores que na zona rural, sendo mais comuns os mocambos periféricos, pois,

Enquanto as senzalas diminuía de tamanho, engrossavam as aldeias de mocambos e de palhoças, perto dos sobrados e das chácaras. Engrossavam, espalhando-se pelas zonas mais desprezadas das cidades (FREYRE, 2012, p.270).

Não há evidências da existência de tais mocambos na cidade de Areia, provavelmente em decorrência da ação do tempo e da fragilidade das construções, nos limitando a esfera dos casarões, mobiliários e utensílios das pessoas mais abastadas, ficando os espaços de convivência dos escravizados, restrito ao ambiente de trabalho, que na zona urbana era geralmente o ambiente dos próprios casarões como cozinhas e quintais, tornado uma tarefa hercúlea, por vezes impossível, a tentativa de fazer emergir do fundo da história, construções e objetos que remontam ao cotidiano particular e a personalidade dos escravizados em Areia.

No entanto, podemos observar comunidades na zona rural da cidade, onde existem fortes influências que remontam aos antigos escravizados, no que tange ao parentesco dos moradores. Comunidades estas que, tendo surgido primordialmente em áreas particulares, geralmente de senhores de engenho, atualmente não tem a devida visibilidade.

1- A CIDADE DE AREIA

A cidade de Areia está inserida na região geográfica denominada de Brejo Paraibano e possui clima serrano e ameno, o que também é um fator que atrai inúmeros visitantes durante o ano, tendo um fluxo de turistas maior no período da chamada rota cultural caminhos do frio que ocorre não só em Areia, mas também em cidades no entorno.

Outro fator que contribui para o turismo local são os engenhos de cachaça, situados na zona rural, cuja produção é bastante apreciada em várias cidades da Paraíba e em outras regiões do Brasil. De fato, a cultura canavieira nos primórdios do povoamento da cidade de Areia, esteve lado a lado com outros produtos agrícolas no decorrer do tempo como o algodão, agave e em percentual menor o do café, que tiveram seus ápices de

importância em determinados períodos históricos e que contribuíram para que fossem estabelecidas rotas de passagem de comerciantes e viajantes pelo território da cidade, o que por sua vez contribuiu para que fossem erigidas construções a exemplo de casas comerciais e moradias particulares.

Todavia, a passagem de viajantes pelo território do que viria a ser a cidade de Areia, remonta a antigas expedições promovidas pelo governo holandês na Paraíba, com o afã de encontrar riquezas minerais. Ainda no século XVII, nos parece evidente que na localidade já havia estradas por onde frequentemente passavam viajantes do sertão rumo as cidades mais próximas do litoral.

Tendo em vista o fato de a cidade de Areia ser possuidora de vasto conjunto arquitetônico que remonta ao início do século XIX, Rocha (2007) nos diz que:

Vale ressaltar que a cidade de Areia constitui um legado patrimonial da maior importância para a memória estadual. Foi à primeira cidade protegida pelo IPHAEP através do decreto n. 8.312 de 04 de dezembro de 1979, sendo atualmente também a primeira cidade paraibana reconhecida como patrimônio nacional (ROCHA, 2007, p.08).

Apesar da conhecida importância da cidade como patrimônio histórico, com grande número de casarões preservados, existe uma relativa pressão da modernidade no que tange aos anseios de muitos moradores pela modificação de seus imóveis, não ofuscando, no entanto, o interesse pelo turismo histórico e cultural. Ao conceituar o turismo cultural, nos vem aos olhos e com clareza, a evidente multiplicidade de vertentes que este pode abranger; desde shows promovidos pela prefeitura com o intuito de atrair turistas e a conseqüente arrecadação financeira que o fluxo de visitantes gera à cidade, passando por eventos diversos, pelos museus e patrimônios históricos preservados. Tais patrimônios, por sua vez, se constituem de um instrumento valoroso na promoção da visibilidade de determinada cidade, estado ou país.

2- O SOLAR JOSÉ RUFINO

O solar José Rufino, também frequentemente conhecido como casarão do Marinheiro Jorge, está situado no centro da cidade de Areia e se constitui em seu aspecto arquitetônico, num exemplo sólido de habitação urbana colonial, com sua fachada possuindo boa harmonia visual em seus detalhes, com as portas superiores ostentando grades conhecidas na arquitetura como balcões, forjadas de forma primitiva se comparadas às tecnologias atuais, mas possuindo belos contornos.



Detalhes da fachada do Solar José Rufino.
Fonte: Acervo do Autor /2022.

A construção do solar é normalmente creditada ao Português Francisco Jorge Torres que veio ao Brasil no início do século XIX com a intenção de estabelecer negócios, inicialmente por regiões variadas do Brasil, só chegando à região de Areia mais tarde. Estabelecendo-se em Areia, passou a viver da agricultura e do comércio, sendo possuidor de engenho de cana de açúcar, o que o tornou bem sucedido prestigiado financeiramente. O Solar, hoje conhecido como Solar José Rufino, foi construído por Jorge

Torres em 1818 com o intuito de servir como estabelecimento comercial, além de ser moradia particular. Outro aspecto que merece atenção é o fato de que o Solar não é a primeira construção da região que viria a ser a cidade de Areia, pois, apesar de modestas, já havia habitações no local se levarmos em conta que “a freguesia de Areia foi criada em 29 de junho de 1813, ou seja, cinco anos antes de Jorge chegar ao local” (SILVA DE SOUZA, 2017, p.32).

No entanto, as casas existentes no início da criação da freguesia de Areia em 1813, sofriam da precariedade dos materiais que eram usados na sua construção, sendo consideradas por vezes como meros casebres e ranchos. Jorge Torres expandiu seus domínios para além do solar construído em 1818, pois era possuidor de engenhos como o conhecido Engenho Tanques do Jorge e o Engenho Macaíba, além de casas anexas ao Solar. Solar este que, além de manter um comércio e ser moradia privada, possuía a função de senzala no pátio interno, onde muitos escravizados eram mantidos, seja para trabalho no próprio casarão, seja para serem vendidos e leiloados.



Pátio interno do Solar José Rufino, onde se situavam as Senzalas.
Fonte: Acervo do autor

O solar José Rufino possui ainda um uso diverso que vai além de se constituir em um ponto turístico e patrimônio histórico material: suas dependências abrigam galerias de arte como pinturas e artesanato em barro, feitos em grande parte por artistas locais e do entorno, contribuindo assim para a divulgação e a visibilidade da cultura e da arte regional, como podemos observar na figura seguinte:



Obras de artes expostas no interior do Solar José Rufino
Fonte: Acervo do autor

Ao visitarmos o casarão José Rufino, nos deparamos com um grupo de alunos da localidade que estavam em aula de campo, sendo guiados por professores que lhes apresentaram a história local, desde o início do povoamento da Cidade, até a construção e o funcionamento das senzalas do casarão, localizadas no pátio interno.

A energia inerente ao início da adolescência se misturou a curiosidade natural dos alunos em saber algo a mais do que foi transmitido,

sempre fazendo questionamentos acerca da história dos escravos na cidade, questionamentos estes que os professores buscavam responder sempre alertando para o caráter sombrio da escravidão. Com relação a nossa impressão pessoal acerca da aula de campo que presenciamos, também percebemos o interesse dos professores em repassar seu conhecimento, com o objetivo de inserir os alunos no contexto da casa.



Alunos conhecendo o casarão.
Fonte: Acervo do Autor

É importante observarmos a importância que bens tombados a exemplo do Solar José Rufino possuem na prática do ensino de história. No entanto, nos parece claro que tal ensino não deve se limitar a descrição dos feitos e dos objetos das figuras que estão por trás da visibilidade que estes imóveis desfrutam. Ou seja, um imóvel e seu mobiliário de época se tornam

tão mais relevantes quanto maior for à relevância do seu proprietário num contexto de século XIX e neste sentido, o professor deve atentar para o fato de haverem pessoas normalmente negligenciadas da história, a exemplo das pessoas escravizadas, que estão presentes na edificação da fortuna e dos bens dos grandes nomes de outrora. Ou seja, se torna interessante que o professor abra a possibilidade de reflexão com os alunos acerca dos bastidores da história, com questionamentos que abrangem o porquê e como determinada construção foi erguida, quais foram às mãos encarregadas do assentamento de pedras e tijolos e do talho das vigas de madeira centenárias que sustentam o piso de casas imponentes.

Neste sentido, nos fica evidente que se faz necessário a ampliação da visão histórica para além da velha história, ou seja, “a narrativa dos acontecimentos políticos e militares, apresentada como a história dos grandes feitos de grandes homens - chefes militares e reis” (BURKE, 2010, p.17).

No entanto, a igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, construída pela irmandade das pessoas negras da cidade de Areia, é mantida como patrimônio histórico e recebe visitantes de forma esporádica. Esse patrimônio possui uma visibilidade bem mais modesta, se compararmos com outros imóveis como o próprio Solar José Rufino. Em nossa visita, não constatamos indicações e placas nas paredes externas da igreja e a mesma estava fechada.



Igreja do Rosário dos Pretos.
Fonte: Acervo do Autor.

3- A CASA DE PEDRO AMÉRICO

O museu conhecido como casa de Pedro Américo está localizado no centro histórico da cidade de Areia e foi morada do proeminente pintor areiense Pedro Américo de Figueiredo Melo, nascido nos idos de 1843. Assim como vários imóveis da cidade, a casa foi tombada como patrimônio histórico e hoje abriga objetos particulares do pintor, entre cachimbos, jornais e pincéis. Possui uma construção modesta, embora exiba traços característicos das tendências da época e de forma nítida.

Em nossa visita ao museu casa de Pedro Américo, tivemos a oportunidade de observar objetos preservados que remontam ao cotidiano do pintor, além de observarmos ainda que a maioria das pessoas que fazem visitas com objetivos de realizarem uma imersão cultural ou por apenas curiosidade, são pessoas de outras regiões e estados do Brasil, assim como os visitantes dos demais pontos de interesse histórico localizados na cidade.

Consideramos que a relevância deste ponto histórico emerge do fato do seu morador de outrora ser uma figura relevante da cidade, ao apresentar desde a mais remota idade, aptidão para as artes, tendo produzido obras famosas como "Batalha do Avaí", pintada entre 1872 e 1877, Independência

ou Morte, de 1888 e fala do trono, de 1873. Era um pintor detalhista, possuía técnica avançada com estilo se aproximando das características do romantismo e realismo. A ideia de pintura histórica nos moldes de várias obras produzidas por Pedro Américo possuía uma conotação política. Ou seja, uma pintura pode não expressar apenas um fato por ele mesmo, mas pode ter a função de criação de identidade de uma nação e pode trazer, sobretudo, um efeito moralizante e de propaganda, de acordo com quem as encomende. Ou seja, uma pintura pode expressar o desejo de uma elite em determinado contexto.



Fachada do museu Casa de Pedro Américo
Fonte: Acervo do Autor.

Consideramos que a importância da casa de Pedro Américo no que tange ao seu uso enquanto ferramenta didática não se limita a uma mera apreciação de objetos antigos e de obras de arte; é interessante que esteja no cerne do ensino de história, no âmbito do ensino fundamental e médio em princípio, uma tentativa de despertar no aluno, questionamentos acerca de determinadas obras em seu contexto social de época; Quais interesses estão por trás desta pintura? Qual a intenção do artista ao inserir determinado detalhe em sua obra? Quem encomendou a obra e por quê?

Questionamentos que não raras vezes são negligenciados por educadores, se limitando a uma mera descrição das legendas e do ano em que a obra foi produzida.

Obras de arte, a exemplo das pinturas de Pedro Américo, se constituem numa fonte em forma de imagem com amplo leque de opções no que se refere ao seu uso didático. Sobre os benefícios do uso da imagem no contexto escolar, Fochesatto (2013) nos mostra que:

As imagens se aproximam das sensibilidades e dos sonhos e são moldadas pelas configurações de sua própria criação, sejam elas históricas ou sociais. Elas também constroem visões de mundo, crenças e utopias. São preciosas para compreender o nosso passado. (FOCHESATTO, 2013, p. 167)

Tal compreensão do passado através das imagens não deve se limitar a um exercício superficial de descrição de detalhes de uma obra de arte. Assim, tomando como exemplo a obra intitulada “Batalha do Avaí”, produzida por Pedro Américo, é interessante que ocorra uma contextualização e uma posterior observação de detalhes como as roupas, a posição das figuras representadas e os motivos pelos quais o pintor a produziu.

A obra chamada “Batalha do Avaí” foi uma encomenda feita pelo império do Brasil com o intuito de exaltar os feitos da monarquia e fazer emergir uma identidade nacional, assim como outras obras do período. Sendo assim, o professor tem a missão de promover uma leitura crítica da imagem exposta, fazendo a mediação entre o saber histórico e o aluno. Para tal missão, se faz importante que o docente esteja munido de uma formação que contemple, entre outras habilidades, o exercício de interpretação de obras cujo valor histórico é preponderante.



Reprodução da obra "batalha do Avaí, localizada na casa de Pedro Américo.
Fonte: Acervo do Autor

O ambiente do museu Casa de Pedro Américo torna favorável uma imersão na vida e na obra do pintor, com objetos pessoais como cadeiras sendo exibidos ao longo do imóvel, como podemos ver na imagem seguinte:



Casa de Pedro Américo.
Fonte: Acervo do Autor

Fica evidente potencial que a casa de Pedro Américo possui no ensino de história, ao nos atentarmos para as possibilidades de imersão na cultura da época através do conhecimento da vida e da obra desse pintor; imersão na cultura da cidade de Areia, pois tendo Pedro Américo nascido nessa cidade, contribuiu para a visibilidade e a preservação da história da sua casa que posteriormente viria a se transformar num bem tombado. Fica evidente ainda, a necessidade de uma formação sólida do docente de História, no que tange a interpretação de tais monumentos históricos, possibilitando uma mediação efetiva entre o fato histórico e o aluno, promovendo por sua vez, o senso de identidade e a preservação da memória da localidade.

4- CONCLUSÃO

No decorrer do trabalho buscamos discorrer acerca da importância que o patrimônio material possui em diversos aspectos, passando pela promoção de determinada cidade através da visibilidade de seu conjunto arquitetônico tombado.

Também vimos como o patrimônio material da cidade de Areia pode ser utilizado como recurso didático, levando em conta o fato de tais patrimônios não representarem por si só, um testemunho definitivo do passado, tendo em vista que sempre houve um apagamento da memória dos que sempre estiveram nos bastidores da História.

Para isto, demos ênfase no Solar José Rufino e na casa do pintor Pedro Américo, buscando exemplos de seus usos no ensino de História e para além do ensino de história, vimos como o ambiente do solar José Rufino possui a finalidade de se constituir em um espaço de promoção de artistas locais.

REFERÊNCIAS

ANAIS DA I OFICINA de pesquisa: a pesquisa histórica no IPHAN/ coordenação-geral de pesquisa, documentação e referência- Rio de Janeiro: IPHAN, COPEDOC, 2008.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989)**: a revolução francesa da historiografia. Tradução de Nilo Odalia. - São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

FOCHESATTO, Cyanna Missaglia de. **O uso de imagens no ensino de História**: um exemplo com as pinturas de Pedro Weingärtner. História & Ensino, Londrina, v. 19, n. 2, p. 159-178, Julho/dezembro, 2013.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mocambos**: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Global Editora, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

MIRANDA, Nivalson Fernandes de. **Areia e seu entorno**. João Pessoa: A União, 2007.

SILVA, Eleonora da. **Escravidão e resistência escrava na “cidade d’Arêa” oitocentista** - Campina Grande, 2010. (Dissertação de Mestrado PPGH/UFCG)

SOUZA, Maria Jose Silva de. **O solar José Rufino (manuscrito): os usos da memória em uma casa museu**. Areia (PB) Colorido.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus avós, pelo apoio prestado durante a árdua caminhada da graduação.

Também sou imensamente grato ao departamento de História, pelo suporte durante o curso de História, cujo conteúdo e aprendizado proporcionado levarei para o resto da vida.